

INTERVISÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE GRUPO NA ABORDAGEM SOCIONÔMICA

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler - maripfwe@gmail.com, Cíbele Neme Costa Mariani,
- cibeledmariani@hotmail.com, Cíntia Bortolotto Almeida - cintiaba@gmail.com,

Katya V.C. Ribeiro - , Glaury Coelho, Birgit Möbus, Patrícia Nunes dos Santos, Taís

Cristina Orlandi

RESUMO

Neste texto, apresentamos nossa experiência em um Grupo de Intervisão, on-line, fundamentado pela Socionomia, proposto pelo Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes, São Paulo), composto por mulheres que trabalham com relações humanas. O objetivo foi tecer correlações entre os personagens cocriados no contexto dramático e suas temáticas e o que está acontecendo no contexto social neste momento de pandemia pela Covid-19. Os resultados apontaram para a importância do espaço grupal na elaboração de lutos e a ressignificação de ações que levem à potência, ambos de uma perspectiva intrapsíquica e inter psíquica, pontuando a necessidade dessas elaborações e transformações sociais e políticas, no contexto social.

Palavras-chave: Intervisão; Mulheres; Covid-19; Sociopsicodrama on-line; Pesquisa Socionômica.

INTRODUÇÃO

No Brasil, estávamos há quase três meses vivendo formas de isolamento social em função da pandemia da Covid-19 com poucas certezas e muitas demandas, cobertas de medos e saudades, titubeando caminhos enquanto o mundo se metamorfoseava. Estávamos conhecendo um fenômeno chamado pandemia e não sabíamos (e ainda não sabemos) onde isso vai dar. O mundo vivenciava o caos com mortes e alarmes disparando. Precisávamos de cuidado, urgíamos por conhecimento, laços significativos, encontros, visões... Precisávamos de um *lugar-relação* para realizar os tantos lutos. Fizemos acontecer, então, um Grupo de Intervisão. Dessa maneira, nossa justificativa nasceu e construiu casa' a partir da motivação do grupo por vivenciar uma experiência de Intervisão sob a perspectiva Sociopsicodramática, onde necessitávamos coconstruir um *lugar-tempo-relação* para que nossas visões se engendrassem

e se metamorfoseassem junto com o mundo que mudava tanto com a pandemia da Covid-19, empoderando nossos papéis profissionais por meio da escuta e tessitura de sentidos sobre as dificuldades vivenciadas nos diversos papéis de nós Cuidadoras.

A coordenadora criou o projeto com base em sua experiência prévia como integrante de grupo de Intervisão formado pela International Association of Group of Psychotherapy (IAGP), onde lá foram utilizadas diversas abordagens de ‘leituras de grupo’. No entanto, aqui o projeto criado, por intermédio do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes) baseou-se na Socionomia e nas discussões dramatizadas. O termo “Intervisão” por si já nos indica de que se trata do lócus da ‘visão entre’ pares (Saraiva, E. et al, 2020). Diferindo do grupo de Supervisão, modelo mais conhecido/comum entre profissionais, no qual olhar do diretor/coordenador acaba referendando um saber mais verticalizado. Martin, Milne e Reiser (2008, citado em Saraiva, E. et al, 2020) apontam que a intervenção “pretende providenciar assistência informal, recíproca e colegial em resposta às dificuldades dos membros do grupo” (p.383)

O grupo de Intervisão, dessa maneira, tem a proposta de horizontalização dos vínculos, mesmo tendo a presença de um coordenador que facilita as trocas e coconstruções. Entendemos que este dispositivo e sociodinâmica disparada possa favorecer muitas criações entre profissionais com farta bagagem pessoal e profissional.

Neste Grupo de Intervisão brasileiro, criou-se, então, um *espaço on-line* terapêutico para almas de mulheres que trabalhavam com relações humanas. Um conjunto para somar, dividir e criar, subvertendo o caos interno por meio da potência do grupo e do poder da espontaneidade-criatividade. Acreditávamos no Psicodrama como ‘lenha forte’ para construir o barco que nos permitiria navegar por um mar colorido, e percorrer 8 ilhas-encontro, tendo a última cheirinho de bebê (uma das integrantes ‘deu à luz’ ao término do projeto). Cada uma destas ilhas-encontro teve sua particularidade atualizando as dificuldades de mulheres, terapeutas, psicoterapeutas, mães, filhas, esposas, mestras e alunas, papéis que se conectaram em um compartilhar ético e estético, a partir do trabalho no contexto grupal e dramático.

Deparamo-nos com uma bibliografia escassa sobre o conceito e prática de Intervisão, encontrando o artigo de Marisol Filgueira Bolza (2020) que ao focar *Propuestas de intervención y autocuidado con psicodrama* nos alerta para a importância de espaços para a subjetivação das necessidades dos terapeutas.

En la identidad del terapeuta se articulan el self personal, alimentado por la familia de origen y la familia actual, cuya influencia queda impresa en su personalidad, y el self profesional, donde se superponen la red profesional

(compañeros, colegas...) y la red de los pacientes. El equilibrio dinámico de estos sistemas relacionales, junto con el desarrollo de intereses personales y una vida social estimulante, sostienen la salud psicológica y somática del terapeuta y su idoneidad profesional (p. 33).

Para a autora a Intervisão seria para “trabajar, desde un enfoque sistémico narrativo y construccionista (co-creación), escenas que traen los participantes de la biografía personal y casos del ámbito profesional” (p. 38). Concordamos com a autora e acrescentamos que ao ser a proposta da Intervisão focada mais na cocriação, o coordenador estimula a vivência mais horizontal dos saberes - cluster fraterno (Bustos, 1990).

A escrita desse artigo é parte de um processo de grupo onde a coconstrução de conhecimento foi obtida por meio do levantamento de algumas categorias suscitadas a partir da prática, sistematizando-as a fim de dar conta de responder aos objetivos geral e específicos dessa pesquisa socionômica.

Dessa maneira, como Objetivo Geral deste trabalho temos:

Ao dar visibilidade ao conhecimento coconstruído no grupo de Intervisão, a partir da criação de uma estória literária criada pelas histórias vividas em cena, nos perguntamos se as Personagens Protagônicas cocriados nesse contexto dramático, com suas temáticas, poderiam ser utilizadas como metáforas para a compreensão do nosso contexto social pandêmico

Como objetivos específicos:

- Promover o compartilhar pessoal e profissional, on-line, entre profissionais que trabalham com relações humanas neste tempo de pandemia da Covid-19, compreendendo que cuidar do Cuidador é fundamental para que ele possa cuidar de outras pessoas.
- Propor discussões dramatizadas on-line.
- Averiguar as dificuldades e facilidades dessa nova ferramenta/modalidade on-line para a implementação dos trabalhos sociopsicodramáticos.

DESENVOLVIMENTO

1. Fundamentação Metodológica

Procedimentos dessa prática em Intervisão:

Sobre os Sujeitos: Este Grupo de Intervisão foi um projeto do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes) aberto para sete membros selecionados sob o critério de profissionais que estariam atendendo on-line, quer no foco psicoterápico, quer no foco socioeducacional. Foram selecionadas 7 mulheres-profissionais (não houve inscrição de homens), com formação em psicologia e fonoaudiologia, sendo que todas já tinham algum

conhecimento prévio sobre o Psicodrama, seja por meio do processo terapêutico ou do curso de formação em Psicodrama (ambos os focos). Três eram integrantes da região Sul e 4 da região Sudeste do Brasil, com idades entre 20 e 60 anos.

Sobre os Encontros: não envolveram nenhuma forma de pagamento. Esta experiência inovadora ocorreu entre 12/06/20 e 31/07/20, perfazendo a jornada de 8 encontros, uma vez por semana, às sextas-feiras, das 16:30 às 18:30hs. Ao final deste tempo, o grupo propôs estender o projeto por mais 4 encontros (1 a cada mês), de agosto a novembro de 2020 e, também, organizar esta produção científica-literária-sociopsicodramática.

Tripé que atravessa a prática socionômica: Todos os encontros foram guiados pelos Contextos (social, grupal e dramático), Instrumentos (Diretor/Coordenador; Ego-auxiliar - não existiu formalmente, uma vez que todas experimentaram esse papel; Protagonista – trabalhamos mais com o conceito de personagens protagônicos e tema protagônico; Cenário e Plateia) e Etapas (Aquecimento, Dramatização e Compartilhar) de uma sessão socionômica.

Métodos Vivenciados:

O Teatro Espontâneo (Moreno, 1923) como princípio guiou todas as sessões e o método do Sociopsicodrama foi o mais vivenciado, compreendendo-o também como método de pesquisa qualitativa que seguindo o caminho do Sociodrama – o drama do grupo – parte das questões do representante grupal e alarga-se para abranger os vértices e ressonâncias de todos do grupo. Por isso Sociopsicodrama. Para Nery (2010, conforme citado em Kellerman, 1998), o Sociodrama apresenta-se em três tipos de aplicação: “o sociodrama da crise, o político e o da diversidade. (...) o sociodrama da crise tem o foco sobre o trauma, e o ideal é a homeostase dos grupos. Busca-se ajudar o grupo a enfrentar melhor as tensões sociopsicológicas e a encontrar novo equilíbrio social” (p. 136). Apontamos que nossos sociopsicodramas, como método de intervenção e de pesquisa social, tiveram esta função. Afinal, estávamos (e ainda estamos) vivendo um momento pandêmico e traumático que pede as regulações das tensões sociopsicológicas.

Segundo Knobel e Falivene (2008) existem três estratégias de direção (espontaneidade, sociometria, protagônica) e elas podem se entrelaçar ao longo da sessão e do processo. Na nossa pesquisa trabalhamos com as três estratégias, dando ênfase à espontaneidade, mas levando em conta as tonalidades singulares de cada participante e as conexões entre elas frente ao objetivo comum do grupo (sociometria) e as necessidades de cada uma (protagônica).

Wechsler (2019) ainda nos brinda com os pressupostos epistemológicos que embasam a prática socionômica e suas leituras, afirmando que a pesquisa socionômica é qualitativa por excelência, “visto que tanto as produções grupais (inter e intrapsíquicas), quanto as leituras dos

fenômenos grupais (inter e intrapsíquicos), baseiam-se nos mesmos pressupostos epistemológicos” (p. 248). Dessa maneira, a autora lista onze pressupostos, a saber: 1. Em relação à constituição da realidade; 2. Em relação à estruturação do conhecimento; 3. Em relação à apreensão dos sistemas; 4. Em relação às experiências promovidas; 5. Em relação aos julgamentos – constatações; 6. Em relação às estratégias de encaminhamento; 7. Em relação à leitura do acontecimento relacional; 8. Em relação aos resultados; 9. Em relação à neutralidade; 10. Em relação à inserção do psicodramatista-pesquisador; 11. Em relação às funções do psicodramatista-pesquisador. Assim, entendemos que essa pesquisa se embasou: 1. Num *lugar-laço* coconstruído; 2. Na *intencionalidade, intuição, intersubjetividade, telespontaneidade e imanência* do processo que tendeu à complexidades mais abrangentes; 3. Numa possibilidade de reorganização dos sistemas intrapsíquicos e inter psíquicos; 4. Num *lugar-laço* de experiências estéticas, éticas e políticas a partir do reconhecimento da especificidade dos fenômenos e das relações entre eles; 5. Numa experiência de pensar complexo na qual os opostos puderam conversar, a parte esteve no todo e o todo na parte, facilitando, ainda, a tomada de consciência do modo de funcionamento do sistema intrapsíquico e interpsíquico, fundante para sua reorganização; 6. Num lugar de experimentações espontâneas onde as diferentes técnicas (duplo, espelho, tomada de papel, inversão de papel, interpolação de resistência) foram utilizadas a serviço de produção de novos sentidos na Realidade Suplementar que ancora o contexto dramático com seus personagens que foram sustentados e reconhecidos ; 7. Num *lôcus* que perseguiu, algumas vezes o *lôcus nascendi* , o *status nascendi* e a *matrix* do conflito vivido no contexto dramático e em outras os desdobramentos horizontais coletivo do conflito; 8. Na construção de indicadores de análise que desenham zonas de sentido; 9. Na metodologia socionômica que não é neutra, promovendo novos processos de subjetivação; 10. Na inserção do psicodramatista-pesquisador no campo de pesquisa, uma vez que é observador participante, recolocando todos os participantes com o estatuto de pesquisador; 11. Nas premissas do psicodramatista-pesquisador estar envolvido no fenômeno e ao mesmo tempo ter um distanciamento reflexivo de 1ª ordem, quando coordena o grupo, estimulando todos a fazerem o mesmo, posto que há uma corresponsabilidade envolvida e de 2ª. Ordem, nomeado de pesquisador sistemático, quando todos tecemos a múltiplas mãos este texto escrito – reflexões a partir da prática vivida. Também conjugamos a validação existencial e científica.

Por fim, podemos dizer que a pesquisa se desenvolveu pela modalidade on-line, por meio do aplicativo Zoom, através de videochamadas coletivas com áudio e vídeo ligados de todas as participantes.

2. RESULTADOS – Apresentação das Práticas

1º encontro: ‘Mulher Maravilha’ (Onipotência) X não focado’ (Impotência)

Nesse primeiro encontro apareceram os Papéis Sociais: profissional de um serviço público, terapeuta, filha, mãe, aluna e mulher. Tendo suas respectivas tonalidades (Personagens): ‘Mulher-Maravilha’, ‘preocupado’, ‘bravo’, ‘salvador’, ‘Bob-Esponja codependente’, ‘forte e determinado’, ‘disperso e não focado’. A condução do Teatro Espontâneo nos levou à cena protagônica entre a Mulher-Maravilha que dá conta de tudo (forte e determinada) e o seu antagonista ‘mulher brava, desfocada, codependente, impotente’. O trabalho trilhou o caminho da potência, no qual as demandas puderam ser escutadas e, no cenário dramático, complementadas por outras falas que não retroalimentaram a solidão quer do personagem que se ilude que ‘tudo pode’ ou daquele que se ilude que ‘nada pode’. Um início que já nos contava das tramas do contexto social pandêmico.

2º encontro: Corpo sofrido e as dores da alma

Nesse encontro, a partir do aquecimento e visibilidade como todas estavam, fizemos um Jogo Dramático onde todas entraram no personagem ‘Corpo’ e no personagem ‘E agora’, cocriando no cenário dramático as dores do corpo sofrido e como lidar com isso. Alguns trechos do compartilhar assinalam a importância das ações vividas no cenário dramático: ‘foi bom o frenesi/descarregar no corpo’; ‘divertido’; ‘surpreendente, pois minha dor passou...importante acessar o lugar do brincar’; ‘brincar junto é legal’; ‘no teatro o jogo do outro a gente precisa comprar para fazer acontecer...’; ‘o corpo é vivo... está aqui’; ‘a leveza, o relaxar, passar batom...’; ‘reencantamento’. Como diria Riobaldo, de Fernando Pessoa: ‘O real não está na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia’ (Guimarães Rosa, 1986, p. 52).

Compartilhamos com Rubem Alves (2011):

“As palavras do corpo se movem “ao sabor”. Assim quando elas vagueiam por lugares aparentemente sem sentido, dando saltos inesperados – você nunca se surpreendeu com uma ideia que aparece de repente, peixe que salta e rasga o contínuo fluir da superfície do rio-consciência? – quando elas vagueiam ao sabor (os saberes não vagueiam), elas seguem a lógica do desejo. Não existe arbitrariedade nos saltos do pensamento. O corpo está dançando, ao sabor, em busca do seu objeto...” (p. 27).

3º encontro: Fertilidade e infertilidade: os diversos ciclos e lutos necessários para fertilizar a vida

Nesse terceiro encontro o tema protagônico foi: os lutos do corpo feminino fértil e seus prazeres. Iniciamos, como sempre, pelo corpo: que cheiro cada uma estava vivendo/sentindo naquele momento: alfazema, capim limão, lavanda, limão siciliano, almíscar... Ainda no aquecimento propusemos uma viagem pelos atributos transgeracionais que cada uma se servia: cidadã do mundo, força (figura materna), afeto líquido e sólido (alimento cozido em família por mulheres ‘cozinheiras de mão cheia’), garra das mulheres, poesia que traz luz, provas para a evolução do Ser Humano, o lado forte das tias (mulheres) italianas, não desistir. Daí surge o tema da mulher de meia idade que perde o prazer... O que fazer?

No cenário dramático surge a lagarta, a borboleta e a mariposa e as conversas entre a mariposa sábia e a mariposa entristecida com direito a exercícios de assoalho pélvico e ideias sobre pompoarismo (ginástica íntima) para promover a integração do ser na relação corporeamente e conversas sobre vibrador. O mantra emanado e libertador foi: “Eu tô VIVA! Eu posso!”. E o compartilhar, endossou a boa e necessária surpresa frente ao tema que surgiu, fertilizando a VIDA!

4º encontro: Ainda sobre lutos no papel profissional. Delicadeza para fazer um luto e tele/espontaneidade para lidar com desencontro nas relações institucionais (desqualificação e poder institucional)

No quarto encontro, iniciamos cada uma contando suas histórias da semana e duas foram protagônicas: a 1ª cena contava da entrega da sala de consultório e os sentimentos derivados: alívio pela decisão e tristeza. No cenário dramático, a partir do Teatro Espontâneo, trouxemos o personagem pintor, sol nascente, paciente, a dona do consultório (psicoterapeuta) e a almofada. A conversa de despedida entre a almofada e a dona do consultório nos brindou com os símbolos que preencheram almofada, oferecidos por todas as falas do grupo: doçura, acolhimento, entrega, vulnerabilidade, confiança, limites, competência, sensibilidade, amor, medo, instabilidade, perdas, raiva, ódio, não saber, vontade de férias, cansaço. Sentimentos que precisavam ser visíveis para poder ser elaborado o luto, a despedida do consultório.

Na cena seguinte, o personagem pintor volta para a sala e inicia o preenchimento da parede vazia; Dois personagens, colegas do consultório, trocam depoimentos de seus desencontros e desqualificações, nestes depoimentos atingiram a catarse do reconhecimento recíproco. Levou-se no coração, junto aos símbolos da almofada. O compartilhar ratificou as duas temáticas vivenciadas no cenário dramático: lutos e arranjos necessários para seguir em frente.

5º encontro: o resgate de nossa humanidade: personagem ‘saturnino’

No quinto encontro entramos nas intimidades das casas, acessando o que cada uma escolheu enquadrar no seu retângulo de foco do computador ou celular. Respiramos e mostramos com o pé, quadril, mãos e rosto o que cada parte sentia, pensava... Construimos máscaras de papel e no cenário dramático todas puderam conversar com suas máscaras que diziam de seus papéis profissionais, mãe de todas as mães, filha e o que habita todos os papéis. A partir desse encontro consigo próprio houve o tema protagonista da necessidade de resgatar a própria humanidade e a necessidade de rever-se, perdoar e agradecer... O personagem ‘saturnino’ (oriundo do planeta de Saturno) declarou: “*o normal é poder ser um ‘Ser singular’...*”. Segue abaixo a imagem do grupo neste encontro com as máscaras.

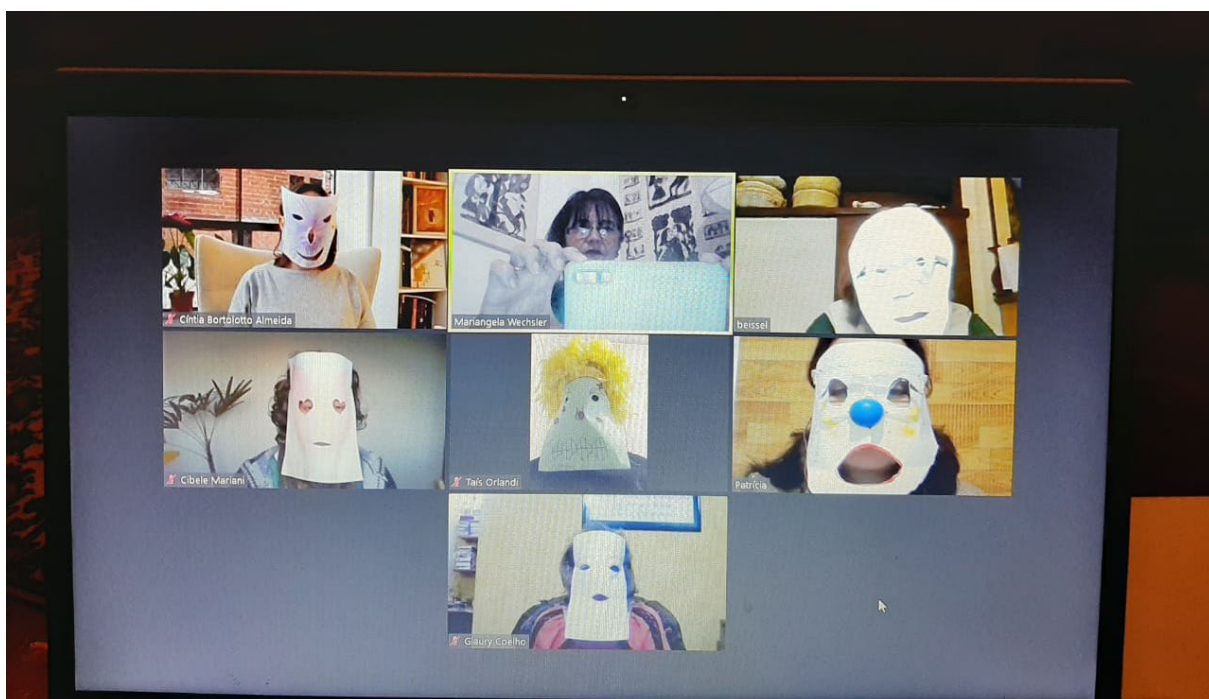


Foto: Mariângela Wechsler, 10/07/2020.

No compartilhamento emergiu: ‘poder ter vergonha e se orgulhar de si, pois pude viver as tristezas e fazer ressignificações... Me perdoo por não ter podido amar outra mãe’; ‘posso ser palhaça e séria também... Me perdoar da preguiça, sou confiável...’; ‘não preciso ser perfeita. Sou uma mãezona e tenho muitas cores, mas isso não pode garantir a felicidade de ninguém’; ‘sou anjo, tenho asas, sou um avatar e posso ser um ET amoroso na Terra também e me perdoar’; ‘não preciso ser 100% feliz, como em Saturno e é perdoável...’; ‘poder me acolher como alguém brava e doce’.

Cabe ressaltar que uma das participantes do grupo precisou se ausentar desse encontro em função da vivência de uma rotina conturbada pela pressão na convivência familiar devido ao confinamento emergencial da pandemia. Começávamos a sentir na pele (sutilmente ou com maior intensidade) as consequências psíquicas do isolamento social. Foi um Encontro que

desenhou possibilidades de integração do ‘Eu’ num contexto social tão desintegrador. A integração de nossa verdadeira dimensão por meio do psicodrama, como diz Naffah Neto (1990) p. 18):

“É na trama que se desfaz, o enredo que se revela, a verdade que, finalmente, emerge e se desdobra nas suas variações particulares. É um espaço grupal, a troca, a comunhão que, nessa dialética do reconhecimento de si e do outro, reencontram sua verdadeira dimensão: ser-no-mundo”. (p.18)

6º encontro: O balé das nuvens e o tigre de ‘barriga pra cima’ – nossa aquarela

No sexto encontro foram utilizadas algumas cartas-imagens do jogo *Dixit* no processo de aquecimento. Cada carta continha uma imagem criativa, instigante, peculiar, como uma pintura de arte que abre um universo de possibilidades na imaginação. Ressoamos essas cartas no grupo, conectando emoções e sensações. Criamos cartas mentais para representar o momento que estávamos vivendo: ‘desenho reavivando quando era criança – Aquarela do Toquinho, Um instante’; ‘Luz e Sombra, Yin e Yang, equilíbrio’; ‘relva que tem uma mulher de cabelos longos caminhando ao lado de um tigre’; ‘Julieta moderna’; ‘o balé das nuvens e a menina sentada no pé da árvore’; ‘eu aqui vocês lá’; ‘o círculo – o que será o amanhã, responda quem puder...’; O individual permeado pelo grupal, social, global, pandêmico daquela atualidade. Navegamos por entre personagens e conexões em uma aquarela como a música composta por Toquinho e Vinícius de Moraes.

No cenário dramático uma cena protagonica aconteceu à beira de um lago, numa tarde suave com o ballet das nuvens encantando o céu. Nuvens coloridas dançavam e uma menina se sentou embaixo de uma árvore para descansar e apreciar. A arte sublime da vida pedia tempo. Será que o tigre poderia abandonar seu posto de proteção e simplesmente se deitar de barriga para cima? Estávamos anunciando a necessidade de ‘voltar a viver’. De vivermos o prazer, o relaxamento, sem os contornos da pandemia. Ou ainda, aprendermos a nos reencantar no contexto da pandemia.

7º encontro: Novas aprendizagens e aceitação das múltiplas cores

A coordenadora trouxe um tema: o personagem que habita meu paciente/cliente e eu quero compreender melhor. Os personagens que apareceram foram: ‘o impaciente’, ‘bicho preguiça assustado’, ‘a filha ansiosa’, ‘o misterioso’, ‘perdi minha identidade’, ‘o sem limites’, ‘gafanhoto medroso’. Os mais votados foram os personagens ‘sem limites’ e ‘gafanhoto medroso’.

No cenário dramático pudemos falar o que queríamos para os personagens, sem o compromisso de saber a ‘história real’ de cada um. A dramatização iniciou com o gafanhoto medroso conversando com seu pai ausente, dizendo “que em algum lugar vou ficar bem...”. Seguiu para a 2ª cena com a criança sem limites, também com pai ausente. O drama de cada personagem se contextualizou no núcleo familiar e as falas foram na direção de acolher o sofrimento de cada um, mas dando voz à necessidade de serem autores, poderem falar. A diretora interpola resistência com a criança sem limites e diz “que vai conversar com a mãe dele e pedir para não deixar mais ele dormir com ela.”. O inconsciente foi dando livre forma aos diálogos e, no compartilhar, sentimos a mágica do trabalho sociodramático que tece as intersubjetividades que confirmaram as intervenções feitas. O gafanhoto medroso era o paciente/cliente gay de uma psicóloga e a criança sem limites que precisava de contornos mais claros era a paciente/cliente da fonoaudióloga que se utilizou deste espaço para subjetivar a trama.

Ainda no compartilhar foram feitas conexões com os outros personagens pacientes/clientes. Por exemplo, o personagem que perde a identidade é um paciente com câncer que não sabe pedir ajuda, como o gafanhoto medroso. Da mesma forma, o personagem ‘bicho preguiça assustado’ tinha muita vergonha, uma autoexigência, também lembrando o personagem ‘gafanhoto medroso’. O personagem ‘misterioso’, um adolescente com ideação suicida também teria uma curiosidade em relação as pessoas de mesmo gênero. O personagem ‘impaciente’ é de um paciente disléxico que quer recuperar o tempo perdido dentro de um contexto de brigas e violência familiar (pais separados) lembrando a dificuldade do personagem ‘sem limites’. Este encontro nos ajudou a potencializar o Papel Profissional e, novamente, dar visibilidade para os nossos medos e falta de limites do contexto social de pandemia que pedia novas cores e novas aprendizagens.

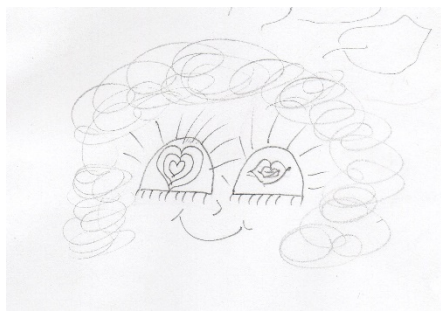
Uma das aprendizagens foi a conexão dentro do setting virtual, que mediado pela tela do computador fez a “Tele”, oportunizando o contato de relações terapêuticas apesar do distanciamento físico de corpos que respeitaram o isolamento social como estratégia de saúde pública para contenção do vírus que se propagava. Muitos lares (e as intimidades contidas nesse espaço privado ou em compartilhamento com outras pessoas) se adequaram para que pudessem caber consultórios de atendimento on-line e momentos de cuidado de si através do computador ou celular. Os barulhos e necessidades dos familiares, animais de estimação, e outros atravessamentos de vida, adentraram ou se fizeram presente ao lado de fora da porta fechada que abrigou o sigilo e privacidade do ambiente terapêutico. Ressignificamos coletivamente

tempo e espaço, coconstruindo saúde a partir da Tele, elaborando e subjetivando as tramas e dramas cocriados a partir de nossos múltiplos papéis nesse *espaço-lugar-laço*.

8º encontro: Na ilha de Madagascar... O barco da despedida (avaliação e recontrato)

Nosso último encontro teve como objetivo fazer uma avaliação do processo e para tal a coordenadora fez um jogo dramático no qual todas estavam presentes em um barco virtual, podendo escolher seus papéis e personagens. *Capitã Águia; Pirata Médica; Papagaio colorido; Suricato Rei enfeitado por penas e frutas; Redondo*, construído por cada um do barco e de cada lugar que visitou – madeira, cipó, folhas de bananeira/mamadeira; *Vaso de narciso* que chegou como muda e agora está todo florido; *Cesto de frutas e flores; Gotículas de água no ar*, podendo ser chuva. Estávamos indo para a Ilha de Madagascar, onde iríamos entrar, ancorar, atracar, aferrar, imbicar, abordar, portar, arribar... Para continuarmos a travessia.

3. DISCUSSÃO – Reflexões a partir das práticas



Desenho por Katya Ribeiro Talarico

...lágrimas que escorriam com o término do trabalho... desenho da menina que tudo olha...

No escopo da Socionomia, alicerce teórico-metodológico com seu pressuposto de Ser Humano, criado por J. L. Moreno, os conceitos vivos de *espontaneidade/criatividade* e *tele* ganham expressão da perspectiva da saúde individual e relacional, respectivamente. Poder viver fluindo nos processos que a vida nos impõe, de forma imanente, resgatando a consciência das articulações entre ‘ser e ação’ nos parece fundamental para a resposta sobre ‘quem sobreviverá?’ (Wechsler, 2020). ‘Ser e ação’ conectados são sinônimos de integração, de um ‘Eu’ reconhecido que pode ter ações coerentes com sua escala de valores. Se espontaneidade é poder dar respostas novas, adequadas e com um tom singular frente a situações vividas, numa situação totalmente nova como a do contexto de pandemia e atendimentos on-line, uma dose de espontaneidade nos foi exigida para cocriarmos saídas criativas para os desconfortos, solidão, lutos, medos sentidos por nós, profissionais que trabalhamos com relações humanas.

As relações que engendram Tele são responsáveis pelas cocriações (Perazzo, 1994/ 2010 e Nery, 2003) pois alavancam os vínculos entre os papéis e personagens (Calvente, 2002 e Contro, 2020) que pedem complementariedades, afinal não existe um papel sem seu complementar. E nem um personagem onipotente sem seu complementar impotente. Nesse grupo de Intervisão reconhecemos os Papéis Complementares patológicos e os saudáveis, que levam à integração do ‘Eu’.

Os papéis são os ‘embriões do Eu’ (Moreno, 1946/1984) e nossas singularidades se expressam por meio deles. Por que afinal estamos falando de singularidades e não de Identidades? Pois acreditamos que Identidade nos remete a mesmidade e singularidade é movimento num tempo e num espaço, o instante do “Aqui e Agora” Moreniano (Wechsler, 2020). Pudemos desenhar e capturar as singularidades nos 8 encontros, os quais foram expressos por meio dos papéis jogados no cenário dramático. No entanto, os papéis jogados não foram criações impessoais e desconectadas, eles tiveram cores e cheiros... seus personagens que os habitaram. Falar dos nossos personagens dentro dos papéis em relação é compor uma escrita poética e científica.

Destacamos a presença dos campos coconsciente e coinconsciente. O que eles seriam?

Moreno (1959/1983) cunha os termos coconsciente e coinconsciente, posto que sua teoria foi eminentemente relacional e Wechsler (2020) pontua que a placenta social que ampara o bebê ao nascer, veicula o coconsciente e coinconsciente da família, da cultura e do momento social, sendo constituintes da identidade/singularidade em formação. Knobel (2011/2016) reconhece essa ampliação para a cultura e para o social o que era da ordem dos vínculos grupais (família, por exemplo). Esta autora nos conta que os campos do coconsciente e coinconsciente atravessam as relações e aquelas que engendram *tele* têm a capacidade de fazer fluir cocriações. No entanto, quando o campo coinconsciente não consegue aflorar nas relações, não tornando-se coconsciente, pode causar sofrimentos relacionais e *acting-out*.

Quais os nossos personagens cocriados durante nossa travessia? O que eles veicularam do campo intrapsíquico das componentes do grupo? E do campo interpssíquico? Poderiam ser analisadores do campo social nesse momento de pandemia? Como se dão essas articulações?

Seguindo a travessia apresentada, podemos narrar uma *história-estória* dos 8 encontros vividos, visto que o último teve um propósito de avaliação.

...Era uma vez uma Mulher-Maravilha (Onipotente) que achava que tudo podia e quanto mais ela atualizava esse modo de ser mais se sentia brava e impotente... aí ela descobriu que tudo iniciava no CORPO e disparou seu processo de reencantamento... pode reconhecer que a natureza das Lagartas apontava para a transformação em Borboletas e depois em

Mariposas, iniciando a travessia dos lutos do corpo feminino e, ao mesmo tempo, resgatava a potência de cada faixa de vida. Continuou sua jornada e precisou fazer outros LUTOS que culminaram com a necessidade de se perdoar, resgatando sua humanidade. Aí se deu conta que seria necessário VOLTAR a VIVER, engendrando no seu cotidiano o prazer, a quietude, o relaxamento. Também se deu conta da necessidade de novas aprendizagens e para tal a constituição de RECONHECIMENTO e ACEITAÇÃO de formas singulares de existir, no entanto com CONTORNOS claros no tempo-espaco-lugar-laço.

Como podemos ler essa *história-estória* das perspectivas anunciadas? Elas nos contam de quais transformações? Da perspectiva do campo intrapsíquico podemos aludir, no início, um modo de organização que traz sofrimentos pelo aprisionamento da potência na dualidade onipotência-impotência, que foi atualizada no campo interp-síquico pelos personagens jogados em cena. A magia do método sociopsicodramático, que ao permitir dar visibilidade para um modo sofrível de existir, por meio da complementaridade de papéis patológicos, dá a oportunidade de experimentações de outros modos, facilitando a ressignificação dos conteúdos que habitam os personagens e esses vão deixando de repetir a ‘cor’ ao papel jogado, podendo ser transformados. Aí toda a diferença se faz presente pois novas formas de singularidades potentes podem coexistir, fugindo, como uma linha de fuga, dos processos de subjetivação instituídos. Ora, o que isso nos conta do campo social? Estamos aprisionados nessa dualidade onipotência-impotência? Brasil, mostra sua cara... triste! Vivemos momentos sofríveis de múltiplas dualidades, quer pelo conceito de justiça, quer pelo conceito de democracia. E o que se diz desse nosso atual momento de Pandemia? Iniciamos nosso projeto em junho de 2020 e tínhamos por volta de 49 mil mortes no Brasil e hoje, abril 2022 temos mais de 660 mil (notícia uol.com.br), um aumento em mais de 13 vezes, mesmo com a vacinação em curso. A famosa interjeição de orgulho e exaltação: “Viva SUS!”, não adianta muito se não tivermos POTÊNCIA política de enfrentamento a esse sofrimento. Claro que não estamos tentando parrear diretamente a impotência-onipotência intrapsíquica e inter psíquica vividas no contexto grupal e dramático com a do contexto social, mas sim dar visibilidade à POROSIDADE existente entre os contextos, apoiando o que nosso colega Falivene Alves (2011) já apontava, assim como outros contemporâneos. Se nesse projeto foi possível narrar essa *história-estória* com a travessia de transformações, passando pelo reconhecimento do Corpo, dos Lutos do corpo, dos Lutos simbólicos, do perdão, da necessidade de Voltar a Viver, engendrando prazer e relaxamento, do Reconhecimento e Aceitação do diferente, mas com contornos na *relação-laço*, o que isso nos revela, enquanto metáforas de tendências no contexto social brasileiro?

Pensamos que seria necessária uma travessia longa de transformação política e humanitária na qual os LUTOS pudessem ser vividos, lutos dos nossos familiares, amigos e conhecidos mortos, lutos de um sistema autoritário que não engendra o reconhecimento dos grupos minoritários, lutos das desigualdades, lutos da fome, corrupção... lutos... e... RECONHECIMENTO das várias tramas e dramas sociais que nos cercam, sobretudo a da tônica que reforça o aprisionamento nos polos do medo, da raiva e da culpa, engendrando a morte, a serviço de perpetuar um discurso populista que se diz revolucionário

Quando encontraremos o tigre de barriga para cima, aqui protagonizado pelo grupo de mulheres? Um longo percurso, desejando estarmos vivas para termos esse tal encontro, da perspectiva do campo social. No entanto, seguimos em frente, nos empoderando frente ao caótico que nos embala, mas podendo ser autoras e atrizes de nossas possibilidades de transformação: do micro ao macro, do macro ao micro, cocriando a autoria do percurso!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos a importância de processos grupais justamente num momento em que estávamos impossibilitadas de interagir presencialmente com outras pessoas. Este processo de Intervisão vivido *on-line* com a pergunta que formulamos para a escrita deste artigo, fortaleceu, significou e potencializou os recursos das participantes para seguir desenvolvendo processos grupais, favorecendo a leitura das articulações entre os contextos dramático, grupal e social, por meio da sustentação dos personagens e o reconhecimento de suas tramas e dramas. Isto facilitou a implicação e o engajamento com a trajetória e os ensinamentos que Moreno nos deixou: “*A process really therapeutic can not have a final goal, less then all Humanity*” (Moreno, 1953). Traduzindo: Um processo realmente terapêutico não pode ter um objetivo final menor do que toda a Humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, R. (2014). *Variações sobre o prazer* (2ª ed.). São Paulo: Planeta do Brasil Ltda.
- Bustos, D.M. (1990) *Perigo... Amor a Vista! Drama e Psicodrama de Casais*. São Paulo: Aleph.
- Calvente, C. (2002). *O personagem na psicoterapia. Articulações psicodramáticas*. São Paulo: Ágora.
- Contro, L. (2020). *Nós e nossos personagens. Histórias terapêuticas*. São Paulo: Ágora.
- Falivene Alves, L. (2011). Sentimentos no Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19(1), 147-152.

Filgueira Bouza, M. (2020). Intervision and self-care proposals with psychodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 22(1), 32-42.

Guimarães Rosa, J. (2006). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Knobel, A.M; Falivene Alves, L. (2008). Estratégias de direção grupal e identificação do agente protagônico nos grupos socioeducativos. In Marra, M.; Fleury, H.J. (Orgs) *Grupos*. São Paulo: Ágora, (pp. 69-92).

Knobel, A. Am. (2011). Coconsciente e coinconsciente em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19(2), 139-152.

Knobel, A. Am. (2016). Coinconsciente – para além do tempo e do espaço. *Revista Brasileira de Psicodrama*, jun., 24(1), 16-23. ISSN 0104-5393.

Moreno, J. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus.

Moreno, J. (1984). *O Teatro da Espontaneidade*. São Paulo: Summus.

Moreno, J. (1953). *Who shall Survive?* New York: Beacon House

Neto, A. N. (1990). *Psicodramatizar- Ensaios*. São Paulo. São Paulo: Ágora

Nery, M. P. (2003). *Vínculo e Afetividade*. Caminhos das Relações Humanas. São Paulo: Ágora.

Nery, M. P. (2010). *Grupos e Intervenção em Conflitos*. São Paulo: Ágora.

Perazzo, S. (1994). *Ainda e Sempre Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Perazzo, S. (2010). *Psicodrama. O forro do avesso*. São Paulo: Ágora.

Saraiva, E., Silva, R., Fraga, B., Mário, R., Brandão, C. (2020). *Supervisão e intervenção na Psicologia das Organizações e dos Recursos Humanos*. Porto, Portugal: Instrumento, revista em pesquisa e educação. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2020.v22.30807>, acessado em 20.07.2021.

Wechsler, M. P. da F. (2011). Psicodrama Público: Por quê? Para quê? *Revista Brasileira de Psicodrama. Sessão temática*. 13-31.

Wechsler, M. P da F. (2019). Pesquisa Qualitativa em Psicodrama. Em Bicudo, M.A.V. e Costa, A. P. (orgs) *Leituras em pesquisa qualitativa* (pp. 241-263). São Paulo: Livraria da Física.

Wechsler, M. P. da F. (2020). *Relações entre Afetividade e Cognição. De Moreno a Piaget. Do construtivismo Piagetiano à Sistêmica Construtivista. Da clínica privada à clínica social*. Edição Ampliada. Curitiba: Appris Ltda.